

RELAÇÕES ENTRE MORFOLOGIA URBANA, LUGAR E PAISAGEM: UM OLHAR INTEGRADO EM PROL DO PATRIMÔNIO URBANO

VALENTINA DE FARIAS BETEMPS DA SILVA¹; ANA LÚCIA COSTA DE OLIVEIRA²

¹UFPEL – betempsvalentina@gmail.com

²UFPEL – lucostoli@gmail.com

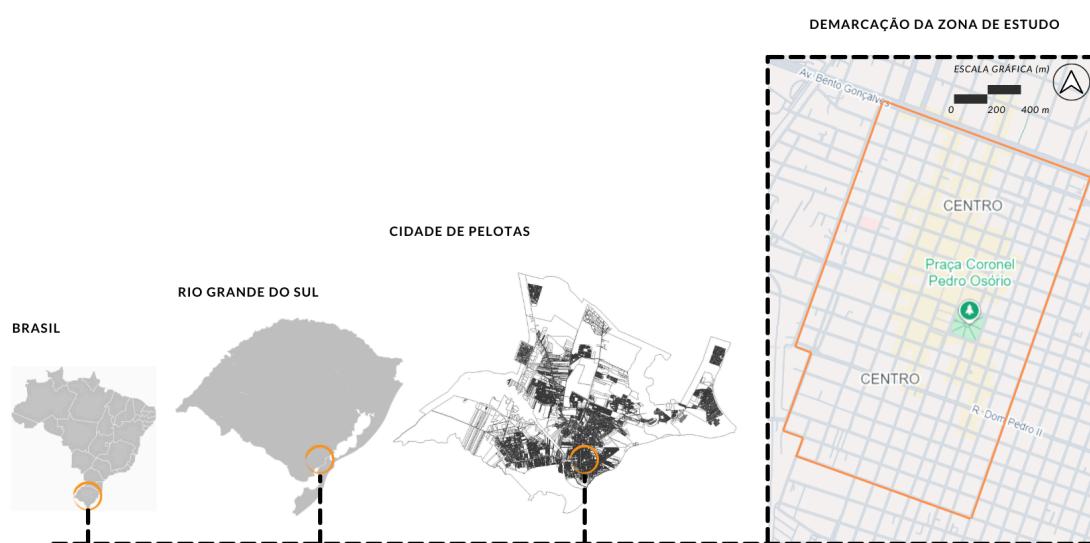
1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca brevemente traçar uma relação entre os conceitos de morfologia urbana, lugar e paisagem. Estes dois últimos conceitos têm sido amplamente utilizados no âmbito da preservação patrimonial. Já a morfologia urbana possui várias aplicações e ramificações, e aqui é vista como meio pelo qual é possível analisar a forma urbana de modo a detectar características particulares dos sítios e suas permanências ao longo do tempo.

A partir disso, o objetivo deste estudo é apresentar uma abordagem combinada destes diferentes campos para olhar de forma integrativa o ambiente patrimonial urbano. O agenciamento dos conceitos perpassa também compreender em que momentos as linhas investigativas da morfologia urbana dialogam, ou não, com os conceitos de paisagem e lugar.

O objeto de estudo do trabalho é uma região compreendida no centro histórico da cidade de Pelotas-RS, no sul do Brasil (Figura 1). O seguinte trabalho é um recorte de uma pesquisa de mestrado que integra o projeto “Cidades de médio porte do extremo sul do Brasil e em zona de fronteira: qualificação e proposição de espaços públicos sensíveis às relações intergeracionais, inclusivas e sustentáveis” junto ao grupo Forma Urbana.

Figura 1 - Diagrama da área de estudo



Fonte: autoras, 2025.

¹ O presente trabalho está sendo realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa se trata de uma pesquisa exploratória com foco experimental (GIL, 2002), construindo uma discussão teórica metodológica acerca do tema. Os procedimentos gerais utilizados para a produção desse trabalho são revisão de bibliografia, trabalho de campo, e, por fim, análise e discussão da produção.

A revisão bibliográfica conta com Lamas (2004) e Pereira Costa *et al* (2023) para abordar a questão da morfologia urbana. Para articular com os conceitos de lugar e paisagem Norberg-Schulz (1980) e Aldo Rossi (2001) são os principais, além da recente tese de Guimarães (2023) acerca da fenomenologia de Peter Sloterdijk e suas contribuições para interpretar o espaço patrimonial.

O trabalho de campo foi produzido através do método-instrumento cartográfico chamado caminhografia (ROCHA e SANTOS, 2024). Caminhografias são cartografias caminhadas, uma prática de investigação que envolve percorrer a cidade e perceber os acontecimentos. Essa metodologia permite reconhecer o espaço estudado para além dos mapas e de análises duras.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho parte da morfologia urbana para estabelecer um diálogo com as noções de paisagem e lugar, propondo uma compreensão ampliada do espaço urbano, especialmente o patrimonial. Embora comumente associada apenas ao aspecto físico ou estético das cidades, a morfologia urbana é entendida por Lamas (2004) como um campo interdisciplinar que articula conhecimentos de diversas áreas – como história, geografia, sociologia e arquitetura – para compreender a cidade enquanto fenômeno físico, histórico e social. A distinção entre forma e morfologia, reforçada pelo autor, permite vislumbrar a forma urbana como expressão de processos culturais e temporais.

Em estudos mais recentes, Pereira Costa *et al* (2023) apresentam a sincronicidades entre as Escolas de Morfologia italiana (muratoriana) e inglesa (conzeniana), ao expôr evidências de que ambas às escolas reagiram à prática modernista na paisagem das cidades. Apesar das abordagens e escalas de análise diferentes, as duas vertentes estudam o tecido urbano e descrevem os processos que ocorrem ao longo do tempo, partilhando a noção de formação e transformação desse objeto. Assim, os pensamentos de Muratori e de Conzen convergem para o mesmo entendimento de paisagem urbana: constatar que as formas urbanas refletem ações sociais, políticas e econômicas dos agentes da sociedade.

Neste contexto, a obra de Aldo Rossi, especialmente *A Arquitetura da Cidade* (1965,2001), contribui ao enfatizar a importância do *locus* como fator gerador da forma urbana. Para Rossi, o *locus* é mais do que um sítio físico: é a singularidade que emerge da relação entre lugar, tempo e memória. Essa concepção se aproxima do pensamento fenomenológico de Norberg-Schulz (1980), cuja noção de *genius loci* – o “espírito do lugar” – aprofunda a discussão ao incorporar dimensões simbólicas e existenciais. O autor, com base na fenomenologia, propõe que o lugar não se reduz à sua materialidade, mas é constituído também por seus significados culturais e afetivos. Esse pensamento é atualizado na teoria de Sloterdijk de que “habitar é construir esferas” (GUIMARÃES, 2023), como forma de materializar dimensões impalpáveis da existência humana.

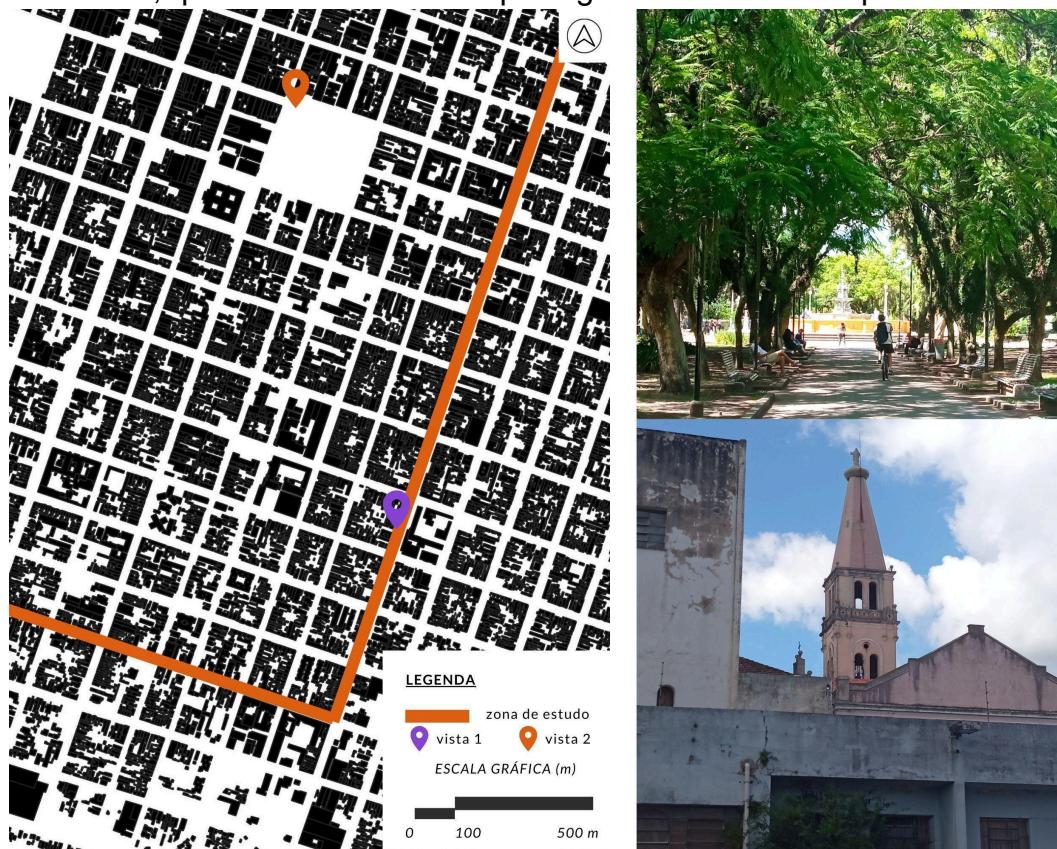
Deste modo, a pesquisa adota a fenomenologia como abordagem metodológica, considerando-a capaz de revelar as relações entre forma urbana,

memória, identidade e experiência vivida. Norberg-Schulz (1980) argumenta que a modernidade, ao privilegiar critérios funcionais e técnicos, promoveu a perda do lugar, resultando em espaços despersonalizados e alienantes. Essa crítica encontra eco em Rossi, que defendia a cidade como obra cultural coletiva, estruturada pela permanência e pela memória.

Guimarães (2023), ao interpretar a teoria de Peter Sloterdijk, discorre também sobre a perda do lugar patrimonial na contemporaneidade, a partir do momento em que o patrimônio urbano se torna um campo de disputa e resistência frente a transformação da cultura em mercadoria. Segundo a autora, desse modo “a perspectiva de uma unidade se esvai na medida em que um processo de fragmentação social e cultural se sobrepõe às dinâmicas do território” (GUIMARÃES, 2023, p.109).

Frente a isso, este estudo se propõe a associar essas interpretações como meio de identificar os fenômenos urbanos. Nas caminhografias (ROCHA e SANTOS, 2024) executadas foi possível uma experiência de confrontamento entre a forma da cidade, já previamente analisada, e a experiência sensível dentro do território. A zona de estudo é caracterizada por uma malha reticular heterogênea (YUNES, 1995) consolidada no início do século XIX. Morfológicamente, é uma região bastante preservada sob alguns aspectos, como os elementos de traçado e quarteirão, que se encontram pouco alterados (Figura 2). Outros elementos já sofreram grandes transformações, como parcelamento do solo e os tipos edificados.

Figuras 2, 3 e 4 - 2) Mapa figura fundo das edificações na região de estudo (demarcada em laranja) com localização das fotos; 3) vista para o chafariz da praça Cel. Pedro Osório; 4) Igreja Sagrado Coração de Jesus, patrimônio cultural do estado, quase invisibilizado na paisagem urbana contemporânea.



Fonte: autoras, 2025.

Contudo, do ponto de vista da paisagem, existem diversas alterações. Muito embora haja uma forte preservação de uma certa área do centro histórico (Figura 3), em outras notam-se bens patrimoniais em estado de invisibilidade (Figura 4). Este tipo de situação ilustra a fragmentação sociocultural dos espaços urbanos patrimoniais que argumenta Guimarães (2023) e, consequentemente, o sentido de lugar dos habitantes com esses bens patrimoniais e seu território.

4. CONCLUSÕES

Pode-se considerar que a morfologia urbana tem servido não só para análises formais, mas como suporte a pesquisas que se preocupam com o planejamento e a conservação dos centros históricos das cidades. O mapa usado para análise morfológica apresenta certa homogeneidade, enquanto as caminhografias mostraram uma zona de estudo que apresenta diversas heterogeneidades, sendo aqui destacado o modo de preservar sua memória e senso de lugar.

Os conceitos de paisagem e lugar estão intimamente ligados ao espaço construído, principalmente no que tange aos espaços patrimoniais. A relação entre os conceitos de morfologia, paisagem e lugar deve ser tratada de modo cada vez mais integrado, como alternativa interpretativa relevante para compreender e intervir nos espaços urbanos de forma mais sensível e significativa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Editora Atlas AS, 2002.

GUIMARÃES, C. F. **Atmosferas patrimoniais.** Espaços públicos patrimonializados em Minas Gerais. 2023. 359f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

LAMAS, J.M. R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2004.

NORBERG-SCHULZ, C. **Genius Loci.** Towards a phenomenology of architecture. New York: Ed. Rizzoli, 1980.

PEREIRA COSTA, S. de A; TEIXEIRA, M. C. V. ; SALGADO, M; GIMMLER NETTO , M. M; SCHIAVO, P. Sincronicidade e mudanças de paradigmas nas principais escolas de Morfologia Urbana. **Revista de Morfologia Urbana**, [S. l.], v. 11, n. 2, 2023. DOI: 10.47235/rmu.v11i2.315. Disponível em: <https://revistademorfologiaurbana.org/index.php/rmu/article/view/315>. Acesso em: 29 ago. 2025.

ROCHA, E.; SANTOS, T. B. dos. **Verbolário da caminhografia urbana.** Pelotas-RS: Editora Caseira, 2024.

ROSSI, A. **A arquitetura da cidade.** 1965. 2^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

YUNES, G. **Cidades Reticuladas:** a persistência do modelo na formação urbana do Rio Grande do Sul. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo. Brasil, 1995.